

## OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS A PARTIR DAS OBRAS REGIONALISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR E JOÃO SIMÕES LOPES NETO

ERIVELTON DE LIMA DA CRUZ<sup>1</sup>; JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– erivelton.lima.tech@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – jjourique@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Essa proposta de trabalho passa por uma reflexão acerca da formação da identidade do gaúcho com base na leitura das obras **O Gaúcho**, de José de Alencar, e **Contos Gauchescos**, de João Simões Lopes Neto. O caráter romântico presente na obra de Alencar evidencia uma hagiografia que, ao contrário de valorizar o tipo humano, torna-o caricato e limitado à estereotipia de um olhar externo. As críticas feitas a essa obra por autores locais (vinculados ao Partenon Literário) não tiveram melhor efeito, pois se somaram a esse elogio, ainda que calcadas em elementos mais "reais" e vinculados aos períodos de guerra nos quais as figuras de heróis guerreiros eram constantemente exaltadas. João Simões Lopes neto, por sua vez, narra esse passado em transição, esse momento em que a figura do gaúcho mítico se apresenta envelhecida e no fim da vida, mas plena e digna - personificada no narrador-personagem Blau Nunes.

A duas obras apresentam o perfil de uma personagem ou 'identidade' que irá ser denominado como 'gaúcho'. Uma visão de um herói mitificado ao extremo, até podendo mesmo associar a um ser mitológico, e outro apenas como um narrador testemunha perpassando um símbolo de bravura e humildade de uma classe, através de suas características, falas, atitudes. Dessa forma permeia-se o imagético coletivo do leitor de uma geração e das futuras gerações que entrarão em contato com as obras mencionadas.

Pretende-se, portanto, discutir como essas narrativas procuram representar essa identidade, desde uma perspectiva vinculada ao romantismo até uma narrativa realista em um período de transição para o modernismo. Dessa forma, as características regionalistas do século XIX e do século XX apresentam diferenças e aproximações que possibilitam uma reflexão acerca do imaginário do gaúcho no contexto da formação histórica e social do Brasil.

### 2. METODOLOGIA

O trabalho estruturou-se na leitura crítica das obras dos dois autores, fichamentos dos dados apresentados sobre o perfil identitário em cada obra, sendo estes posteriormente usados para uma análise comparada das mesmas como construtoras identitárias tendo como principal apoio teórico na análise de CANDIDO (2002) e nas percepções de outros autores para a formação da identidade de um grupo ou perfil identitário.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante o trabalho efetuado, podemos verificar na análise comparada que na obra **O Gaúcho**, de José de Alencar, temos a predominância de um arquétipo extremamente romantizado, o herói como ser mitológico, com o espírito guerreiro que protege suas terras, o pampa, contra os invasores da fronteira. Essa percepção acaba sendo diretamente associada como um dos quatro

regionalismos na literatura rio-grandense como classifica BITTENCOURT (1999), e caracterizando o símbolo pela personagem do viajante mítico e forte dos pampas, Manuel Canho, podemos ver no excerto inicial da obra:

[...]tem a velocidade da ema ou da corça; os brios do corcel e a veemência do touro.  
(ALENCAR, 1978, p. 14)

O símbolo associa-se com espirito de lealdade com os seus companheiros, vestimentas que facilmente relacionam-se ao perfil como, o ponche, o punhal e o chapéu; e através dessa caracterização da personagem de José de Alencar temos claramente a introdução de um ‘capital simbólico’, como elucidado por BORDIEU (1989), que não é bem aceita ao imagético da época de um ‘representante do sul’.

Ao mesmo tempo, na obra **Contos Gauchescos**, de João Simões Lopes Neto, temos a predominância de um arquétipo mais compromissado com a realidade, verossimilhança, com uma universalização de um perfil humano e um regionalismo que podemos chamar de crítico ou social, na medida em que denunciou a desestruturação da sociedade campeira e a proletarização do gaúcho, como visto por BITTENCOURT (1999), mas que pretendeu-se também à manutenção e à renovação do ‘capital simbólico’, através da adição do senso verossímil a uma visão histórica do perfil já presente no imagético coletivo da época. A caracterização do narrador testemunha, Brau Nunes, como vemos nos excertos:

[...]Genuíno tipo – crioulo – rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco.

(NETO, 1998, p. 16)

E a descrição de suas vestimentas: o porte do chapéu, a montaria do cavalo, sua humildade, igualdade com os outros integrantes do meio que ele está inserido, acaba por sedimentar um tipo, uma personalidade, que passou a identificar idealmente o gaúcho e impor-se como padrão de comportamento, como elucidado por JACKS (1998).

[...]Não bulia uma folha; o silêncio, nas sombras do arvoredo, metia respeito...que medo, não, que não entra em peito de gaúcho.

(NETO, 1998,p.22)

Sendo Brau Nunes o típico contador de ‘causos’ de antigas ‘aventuras’ e ao mesmo tempo a testemunha de muitas ocorrências do dia a dia no pampa torna-se um perfil totalmente aceitável que João Simões Lopes Neto propõe-se a criar como uma personagem simples e do campo. Um exemplo claro disso é em umas de suas excursões do passado onde Brau Nunes na possibilidade de ter perdido o dinheiro de seu patrão acaba até imaginando suicidar-se, sendo este ato de

suicídio por um motivo ‘trivial’ caracteriza-se como algo totalmente fora da construção de um perfil heroico, como podemos ver:

[...] Então, senti frio dentro da alma..., o meu patrão ia dizer que eu o havia roubado!... roubado!... Pois então eu ia lá perder as onças!... Qual! Ladrão, ladrão, é que era!...

E logo uma tenção ruim entrou-me nos miolos: eu devia matar-me, para não sofrer a vergonha daquela suposição.

É; era o que eu devia fazer: matar-me... e já, aqui mesmo!

Tirei a pistola do cinto; armei-lhe o gatilho..., benzi-me, e encostei no ouvido o cano, grosso e frio, carregado de bala[...]

(NETO, 1998, p.22)

A partir disso, podemos visualizar - com base na análise de CANDIDO (2002), que introduz o questionamento sobre o protagonista e o narrador do conto Mandovi na obra **Sertão**, de Coelho Neto - um extremo afastamento entre o narrador (que se utiliza de uma linguagem rebuscada) e a personagem (que se expressa verbalmente de forma caricata), o que reduz, assim, a representação positiva da personagem do meio rural e causa uma degradação, até mesmo uma visão ‘esquizofrênica’, como elucida CANDIDO (2002):

[...] o texto de Coelho Neto é uma técnica ideológica inconsciente para aumentar a distância erudita do autor, que quer ficar com o requinte gramatical e acadêmico, e confinar o personagem rústico, por meio de um ridículo patuá pseudo-realista, no nível infra-humano dos objetos pitorescos, exóticos para o homem culto da cidade. Digo pseudo-realista, porque na verdade o que ocorre é uma dualidade de critérios. Com efeito, ao narrador ou personagem culto, de classe superior, é reservada a integridade do discurso, que se traduz pela grafia convencional, indicadora da norma culta.

(CANDIDO, 2002, p. 88)

Ao mesmo tempo, acabamos por ter em José de Alencar, no sentido inverso, a supervalorização através de um ser ‘mitológico’ do pampa com poderes sobre-humanos, que acabou não sendo bem recebido pela crítica da época e quando posteriormente, no inicio do século XX, João Simões Lopes introduz uma personagem que possui relação com histórico de guerra e é como qualquer outro homem ele acaba por tornar o símbolo do gaúcho: real, universal e formador de uma nova identidade regional que tanto pretendia José de Alencar.

#### 4. CONCLUSÕES

Alcançamos, através do trabalho realizado, a percepção de que as duas perspectivas de um perfil identitário acabaram por mesclar-se em um único perfil, e assim, constitui-lo. Um construído sobre uma perspectiva supervalorizada (que sozinha acaba denegrindo a identidade dessas personagens do pampa) e, posteriormente, outra de uma personagem tornada realista, verossímil e universal no século XX que, por concluir, acaba-se por tomar o papel de estabilizar o

imagético desse perfil, o gaúcho, ainda que com pequenos resquícios da supervalorização romântica alencariana do século XIX.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, J. **O Gaúcho**.— São Paulo: Ática, 1978. (Série Bom livro).

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 2001. 4.ed.

BITTENCOURT, G.N.S. **O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1999. 108 p.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. In: DANTAS, V. (Org.) Bibliografia Antonio Cândido – textos de intervenção. São Paulo: Ed. 34, 2002.

JACKS, N. **Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

NETO, J.S.L. **Contos Gauchescos & Lendas do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 2007. 224 p. (Coleção L&PM Pocket).

WAGNER, C. R. O MITO DO GAÚCHO E SUA DESCONSTRUÇÃO EM O CONTINENTE: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ. **DEsEnrEdoS**, Piauí, v. 4, n.13, p.1-9, 2012.